

O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

Preço da assignatura

PUBLICA-SE AS QUINTAS-FEIRAS E DOMINGOS

Preço das publicações

Aveiro: 100 numeros, 23000; 50, 13000; 25, 500 réis.—Fôra de Aveiro: 100 numeros, 23250; 50, 13125; 25, 570 réis.—Brazil: 100 numeros (moeda forte), 44500.—Pagamento adelantado.—Avulso, 20 réis.

Redacção, Administração e Typographia Espírito Santo, 71

Anuncios, cada linha, 20 réis; repetições, 10 réis. Comunicados e réclames, cada linha, 30 réis. Anuncios permanentes, ajuste especial.—Os srs. assignantes teem o desconto de 50 p. c.

Aveiro

OS ACONTECIMENTOS DO BRAZIL

Não somos só nós que censuramos a falta de tacto com que certos periodicos monarchicos estão atacando vivamente a republica brasileira, a proposito dos acontecimentos do Brazil. Também o *Primeiro de Janeiro* entende que não ha nada mais perigoso e errado.

No seu numero de quinta-feira dizia este jornal:

“O paiz é que nos parece que lucra, e muito, com que os nossos jornaes não corram atraz de facciosismos partidarios para se desatarem em improperios contra a republica brasileira, só porque é republica. O governo portuguez reconheceu a republica dos Estados-Unidos do Brazil. Deverá ou poderá a imprensa do nosso paiz ser menos sensata e correcta do que o foi o governo da monarchia? O Brazil difficilmente voltará ao passado: julgamos até impossível a restauração do velho Brazil, permitta-se-nos a phrase, do velho Brazil tal qual a revolução o encontrou na sua organisação politica. Crear incompatibilidades com aquella republica, concitar odios contra um governo que, através de maiores ou menores convulsões, ha de por uma série de circumstancias prevalecer, é loucura: é um mal para o paiz; e como ha sempre tendencia para lançar a conta das instituições as desgraças que nos affligem, a monarchia portugueza nada lucra em que o Brazil não tenha para commoço as antigas e affectuosas relações. E' claro: só o não vêem os que a paixão desvaira. Para factos consummados não ha remedio: diatribes não pñem nem tiram republicas, como não levantam ou abatem monarchias.”

E' esta a linguagem do patriotismo e do bom senso. Quando os jornaes republicanos blasphemam contra qualquer monarchia estrangeira, claro é que tal facto não tem a mesma importancia que esse outro dos jornaes monarchicos blasphemarem contra os governos republicanos, porque detraz d'estes entende-se que está sempre a instituição que estes representam, e pela instituição é responsavel o paiz que é quem paga as diferenças affinal. Haja, pois, juizo e prudencia, que bem necessitamos estas coisas.

UMA QUESTÃO GRAVE

Estupidez, estupidez! A camara municipal de Aveiro tornou-se solidaria com a maior estupidez que conhecemos.

Mas está decretado, dir-nos-hão, está decretado estabelecer-se o muro nos cemiterios. E quantos decretos, quantas leis boas deixam os senhores de cumprir? Pois não seria melhor fazer o contrario, isto é, cumprir as leis boas

e não cumprir as más? Que responsabilidades advinhm á camara municipal de Aveiro de ser sensata, de ser liberal, de ser humana, de ser intelligente? Que responsabilidades advieram á camara municipal de Lisboa, que nunca teve muros nos seus cemiterios, nem recintos separados?

Triste subterfugio, em que a fraqueza e a reacção se pretendem entrincheirar!

Ha uns poucos de annos que se suicidou nesta cidade uma mulher do povo porque, havendo sido, cheia de fome, encontrada a roubar uma bróa, viu o seu crime espalhado em toda a povoação, com insultos e largos espalhafatos da roubada. Não resistiu á vergonha e á dôr, a infeliz, e procurou na morte um refugio á vileza e á crueldade humana. Claro é, não faltou a covardia a trijudiar-lhe no cadaver e a misera foi enterrada no cemiterio dos cães.

Mais tarde, outra mulher se suicidou por ter committido um *filicidio*. E esta, que era parenta d'um individuo altamente collocado, foi enterrada no cemiterio dos catholicos.

Quem tem caracter e tem alma para sancionar estas infamias? Quem? Não queremos dizer que a tenham os individuos que compõem o nosso municipio. Mas, com o seu voto, dêram motivo, os representantes do povo! a que ellas continuassem. Nós só desejavamos saber se a resolução da camara foi tomada por unanimidade de votos!...

Quantos figurões estão dentro do cemiterio que não se quizeram confessar? Ainda se estes barbaros fossem coherentes! Mas não; são d'uma incoherencia que agrava a barbaridade revoltante. Em tempos suicidou-se o padre Pires de Lima, em Lisboa. Foi enterrado com resas e acompanhamento religioso. N'outro dia suicidou-se, na mesma cidade, um irmão do padre Carneiro, declarando, antes de morrer, que queria ser enterrado civilmente. Pois foi enterrado, á força, com agua benta e com padres. Outros, então, são enterrados detraz da porta do cemiterio só porque na hora final se não quizeram confessar!

Brutos repellentes!

Qual é o crime da creança que succumbe antes de se baptisar? Pois a pobre creatura ha de deixar de ser filha de Deus, ha de ser condemnada, reproba, maldita, só porque lhe não dêram um banho de agua benta? E lá vae para o cemiterio dos cães. E é em nome d'esse symbolo de justiça e de bondade a que elles chamam Deus, que se commettem barbaridades d'esta natureza!

Brutos, refinados brutos, que vegetam ahí em todos os cantos para vergonha do chamado *seculo das luzes!*

A MALANDRAGEM

No *Primeiro de Janeiro*, de quinta-feira 21, lia-se a carta que se segue:

Sr. redactor do *Primeiro de Janeiro*.

Uma gentalha que existe no Porto, e que se diz pertencer ao chamado partido republicano portuguez, anda muito assustada com duas visitas que eu fiz a essa cidade, e, durante as quaes, apenas me demorei ahí algumas horas. Fi-

liam esse susto n'uma supposta espiagem minha. *Vim presenciar o que elles fazem para o contar á monarchia.* Mas o motivo real não é esse; é o horror de se poder dar a eventualidade de eu levar o partido republicano a uma reviravolta, cuja consequencia immediata seria a inutilidade de toda a caminhada imbecil e supérflua, a logia impotente e o deshonroso, que se ter recrudescido, ultimamente, a campanha de diffamação intentada ha muito contra mim, que eu já accentuei e expliquei largamente no meu livro—*Os acontecimentos de 31 de janeiro e a minha prisão*—e que v. conhece, como a conhece o Porto, como a conhece, de resto, o paiz todo.

Aquelle fim se subordina um artigo de que só agora tive conhecimento, publicado na *Voz Publica* de sabbado 16 do corrente, do qual é auctor o sr. Cunha e Costa, cuja autopsia moral, já feita por mim, e largamente, no *Povo de Aveiro*, vou tornar publica outra vez n'um dos proximos numeros d'este periodico.

Talvez que alguém se admire de eu tratar tão tranquilamente um caso de aggressão que reveste as formas mais vis e ultrajantes. Mas, em primeiro lugar não se trata aqui d'uma luta singular e honrada; trata-se da investida traiçoira de mil individuos contra um. Não é este nem aquelle que me vem arremessar pedras e jogar injurias; é toda a escoria d'um partido, e essa escoria é grande, é immensa. De que me valia correr com um chicote atraz de qualquer, se elles me sabem aos centos das esquinas?

Em segundo lugar, se elles são tratantes, ainda mais são imbecis. E a imbecillidade não provoca irritações, provoca tedio e desprezo.

O artigo da *Voz Publica*,—de que trato pela simples circumstancia da bishlhotice ou da maledicencia não aproveita, como aproveitaria, em sentido errado, o meu silencio—o artigo da *Voz Publica* aponta como uma das provas da minha traição e da minha espiagem, a benevolencia e a protecção com que me tem tratado a monarchia. Muito bem. Como o sr. Carneiro, proprietario d'aquelle jornal, tem sido muito mais bem tratado do que eu, posso descansar com a minha consciencia. Enquanto eu era pronunciado, mettido a bordo d'um navio e julgado, eu que, em documentos publicos, havia combatido a revolta do Porto, era o patriota e honrado sr. Carneiro, que andou mettido em todas as conspirações—e d'isso se gaba e orgulha—que precederam o triste movimento, mandado em santa paz e liberdade.

Emquanto eu sacrificava o meu soldo de official do exercito, e alguma coisa da minha pequenissima fortuna particular, ao serviço da causa da republica, o sr. Carneiro servia-se da mesma causa, como hoje, para ganhar no seu jornal alguns vintens. Enquanto eu assumia na cadeia toda a responsabilidade dos meus actos e me declarava francamente republicano, eu, um militar, com um conselho de guerra imminente, o paizano sr. Carneiro, o caçô proprietario do jornal que me insulta, o demócrata d'antes quebrar que torcer, o immaculado que se horroriza com as minhas traições, protestava avida e sofredramente pela sua simples qualidade de *industrial* e pela sua immundidade de estrangeiro.

Em que me protege a monarchia? Em me consentir como official do exercito, não. Quando quiz conspirar e ser republicano combatente deixei de o ser e, como eu hoje o lamento—inutilisio assim a minha carreira militar. Quando entendi fecho o *livro das conspirações* e dos combates, enverguei outra vez a minha farda, que ninguém me deu, porque a obtive nas escolas, e honrei-a no serviço como sempre.

Em que me protege a monarchia? Em me mandar servir em Lisboa, em vez de me mandar servir no Porto? Erga as mãos ao céo, sr. Carneiro, que a sua protecção é multissimo maior. A monarchia a mim não pôde tirar os meus galões de official, não me pôde regeritar um regimento, não me pôde roubar o chão do meu paiz. Ao senhor, que era portuguez para adquirir nas conspirações titulos aos favores da projectada republica, que era portuguez para explorar um jornal e brasileiro para fugir á cadeia, ao senhor, que é hoje outra vez *nem sei o que*, para explorar novos jornaes onde insulta quem trabalhou com sinceridade e com dedicacão, ao senhor pôde a monarchia negar tudo, porque nada é neste paiz. Deve á tolerancia, á mercê extrema d'essa monarchia, o ar que respira e a terra em que descansa. E é o senhor que me fala em protecção e em favores!

Quem são os officaes perseguidos de que me fala a *Voz Publica*? Se eu sou o unico official republicano que existe em Lisboa, onde está a força e o immenso poder d'esse partido, que, pela voz dos seus arautos, todos os dias ameaça o céo e a terra?

Quem são elles? E' algum dos *oiteenta e nove* que eu deixei passar á minha frente?

Imbecis! Não de todos concordar comigo: ainda são mais imbecis do que tratantes!

Quanto ao tal Cunha e Costa, tratarei d'elle n'outra carta, se v., sr. redactor, me der licença. Por hoje direi unicamente: esse homem sabe e conhece perfeitamente todos os passos que dei na minha visita a essa cidade. Sabe que não passei d'uma rua para a outra sem ser acompanhado pelo sr. Aurelio da Paz dos Reis, o qual, julgo eu, tem estado e continúa a estar livre de suspeitas de *espião*. Sabe que estive a maior parte do tempo com o sr. João Chagas. Sabe que não falei com mais nenhuns republicanos além d'esses dois cavalheiros. Sabe que não tratei de politica com os dois. E, apesar d'isso, não hesita em official que eu fui ao Porto indagar os segredos do partido para os levar á monarchia!

Isto define um caracter, só por si. Mas, repito, d'este tratarei amanhã, se v. m'o permitir.

E aproveito esta occasião para me assignar

De v., etc.,

Francisco Manuel Homem Christo. Aveiro, 19 de setembro de 1893.

No numero de sexta-feira, 22, lia-se mais o seguinte:

Sr. redactor do *Primeiro de Janeiro*.

Já agora, deixe-me acabar de matar essa pulga do Cunha e Costa.

A maior accusação, que esse *dancarino* me dirige, é a de eu ter atacado os *vultos mais importantes* e os jornalistas mais conhecidos do partido republicano. Ora desde quando os ataco eu? Desde 1881, anno em que o *Povo de Aveiro* se fundou!

Muita gente, a maioria, que me não conhece senão depois do 31 de janeiro, julga que só depois da revolta do Porto é que eu comeei a atacar os *figurões* do partido republicano e a ser, por isso, accusado de *traidor e de vendido* ao governo.

E' necessario desfazer esse engano, que eu já expliquei no meu livro, e que põde dar lugar a erradas interpretações.

A minha campanha contra as especulações e os erros do partido republicano, ou dos seus dirigentes, é velha, e ainda foi mais violenta antes de 1890 que depois. E velha é a accusação de *vendido e traidor* que me dirigem, accusação formulada nos clubs, nos conventiculos, nos jornaes, em toda a parte, de 1883 para cá. Uma coisa é consequencia da outra. Quando os especuladores da republica não teem argumentos para calar os que lhes lançam em rosto as suas especulações e as suas infamias, recorrem sempre a essa trica de *suspeições infamantes*, a qual, embora usada e gasta, algumas vezes lhes tem produzido effeito.

Em mim é que não produziu effeito nenhum, porque continuei com a mesma tenacidade a combatel-os e a esmagal-os. O que fizeram elles então? Mudaram de tática e foram-me buscar para o mais alto cargo do partido, para membro do directorio!

Eu suppuz ingenuamente, e outros supporiam o mesmo no meu caso, que a circumstancia de me procurarem e de me elegorem significava uma penitencia, um arrependimento, o desejo sincero de mudarem de rumo e de processos, principalmente continuando eu na mesma attitudo e na mesma conducta, por isso que ninguém ignora que enfrei no directorio combatendo á *outrance*, como sempre, o finado José Elias Garcia e a sua gente. E foi o motivo porque acceitei a eleição. Afinal, o mobil era outro.

Não tendo conseguido fazer-me calar com injurias, calumnias, suspeições infamantes, julgaram vencer-me pela *corrupção*, com os *arranhinhos* do poder, com a *vaideade* do mando. E d'ahi a recrudescencia da furia e do odio contra mim, quando se viram enganados.

Portanto, faz muita differença, muitissima, o eu ter atacado os *vultos importantes* do partido republicano só depois de 31 de janeiro, ou tel-os atacado sempre. Faz muita differença, muitissima, o eu ser accusado de *traidor e agente* do governo só depois da revolta do Porto, ou havel-o sido sempre. No primeiro caso, podia-se attribuir o meu

procedimento a despeito, ou a qualquer sentimento menos digno, e, assim, justificar-se a campanha infamante dirigida contra mim.

No segundo caso, fica a todos visível e patente a hediondez e a infamia dos quadrilheiros, que empolgaram a direcção da causa democratica em Portugal. Nem elles mesmos poterão contestar que foram, pelo menos, infames uma vez. Ou eram infames elegendo-me membro do directorio depois de me terem accusado, em toda a parte, de *traidor e vendido* do governo, ou são infames hoje. Infames se estavam convencidos da accusação que me dirigiam, infames se não estavam *convencidos* d'ella. Elles que escolham.

Isto pelo que toca a todos, dito em geral. Pelo que toca a esse *dancarino*, com feitiço de *gamin* por dentro e por fóra, o bastante só por si para exautorar o partido que o consente como luminar e chefe, um rapazelho sem talento, que, mal sahido dos bancos das escolas, sem serviços, sem provas, sem tirocinio publico, unicamente por tor escripto e dito meia duzia de banalidades em favor da republica, foi logo feito membro da *comissão directora* do partido republicano do norte do paiz e apresentado aos suffragios populares—basta isto para se aquilatar do valor intellectual, da previdencia, do tino politico, do senso pratico do mesmo partido—pelo que toca a esse boneco, temos argumentos especiaes para o definir. Elles ahí vão.

O menino virtuoso, o S. Paulo da democracia, como lhe chamava n'outro dia, publicando-lhe o retrato e a biographia, um semanario do Porto, o menino virtuoso enche-me de adjectivos porque a minha penna só tem servido para vergastar e dizer mal? Pois ouçam. Quando, após o 31 de janeiro, eu repelli no *Povo de Aveiro* as novas accusações de *traidor e vendido*, quando eu novamente carregava a fundo sobre os quadrilheiros da republica, o meu maior apostolo foi esse maltrapilho, esse S. Paulo de lama, que não me atirou pedras senão quando me suppoz vencido dos judeus, e, por isso, incapaz de lhe dar as graças e os favores que da minha situação no directorio ambitionava.

Em 17 de maio de 1891, escrevia-me elle:

«Tenho lido com attenção os seus bellos artigos e d'elles conclui relativamente ao seu auctor que o meu amigo é honrado de mais para este periodo egoista, em que as convicções se amoldam a tudo como as massas pastosas se amoldam aos recipientes da forma mais extravagante. Pelo que me diz respeito... podem contar os Elias com uma guerra persistente e tenaz a tudo que signifique uma adulteração do credo que professo. D'essa gente nada tem a esperar a democracia. Ignorantes, ineptos, sem um modo de vêr definido e claro, destituídos em absoluto do dom da previsão, adulando todos os chefes monarchicos e buscando no seu amparo a resolução de questões que não comprehendem e a intellectualidade que os abandonou. Que gente e que desgraça para este pobre paiz!

Deve saber que os Elias percorrem o norte. Mas o mais curioso do negocio é uma vinda aqui (Colimbra) do José Barbosa. Conheço-o, sem duvida! E' o homem que mendigou uma representação radical no congresso e que hoje, ligado com varios Hyginos, vae fundar um jornal destinado a levantar o pendão do partido republicano historico, vago por morte de Elias Garcia, segundo affirma o *Seculo*.

Este transfigura vergonhoso vinha pago pelos Elias para ganhar o terreno!»

Em 22 de maio, cinco dias depois:

«O que me espanta é a inhabilitade dos seus adversarios. Cada passo que os Elias dão para o aniquillar é um passo mais na consolidação do meu amigo. Que burros!

O que não podemos é ter contemplicações com elles, como tivemos no congresso. São elementos *inconciliaveis* e de que o partido pôde bem prescindir. Se então lhes temos dado o golpe de misericórdia, talvez não tivessemos de os aturar hoje. São d'uma falta de vergonha que não se descreve. Então o Terenas não se lembrou de me enviar o prospecto da *Revolução de Janeiro* para eu assignar! E' inaudito. O Terenas!»

Em 3 de junho:

«A imprensa republicana de Lisboa é tudo quanto ha de mais vergonhoso. Não levanta uma questão, levantada ella não a trata, carece d'um escriptor de pulso

e habitua o leitor a uma somnolencia permanente.

Chegou-me hoje a *Revolução de Janeiro*, que já devolvei. Que canalhas! Parece que ainda me não conhecem! Nunca vi jornal mais chato, mais ordinario. Estou como o Ramalho Ortigão. Aquilo não é escrever, é *coçar-se.*

E é este borrarotas, sr. redactor, que, da circunstancia de eu censurar a revolta de janeiro e de vergastar alguns jornalistas republicanos, constitue um acto infamante para mim!

Se o José Barbosa era um transfuga vergonhoso, se o Terenas era um malandro, se os redactores da *Revolução de Janeiro* eram uns canalhas, se a imprensa republicana de Lisboa era vergonhosa, o que será este boneco, que, depois de me incitar na minha propaganda, que, depois de me encontrar honrado de mais para o periodo egoista que atravessamos, foi para o meio dos outros dizer o que elles nunca haviam dito de mim, continuando eu no mesmo posto, na mesma conducta, nos mesmos processos de combate?

A consciencia publica que responda.

O que se vê é que o homem tinha razão quando na *Voz do Carneiro*, de sabado, 17 do corrente, dizia que havia de ser difficil a campanha contra mim, chamando em seu auxilio os *borregos da tal Voz* e os correligionarios dedicados.

Pois para o chafurdar a elle na lama, nem eu sou preciso. Basta elle, o imbecill.

Reservando ainda varias cartas e documentos preciosos para outra occasião, peço a v. a publicação de mais esta carta, que a minha dignidade reclama, favor que sempre agradecerá o

De v., etc.,

Francisco Manuel Homem Christo.
Aveiro, 18—9—93.

No mesmo dia, publicaram as *Novidades*, de Lisboa, esta nova carta:

Sr. redactor.

Um correspondente, que o *Seculo* tem no Porto, disse para este jornal, segundo me referem, porque eu não li, que tinha *feito sensação* n'aquella cidade um artigo publicado pela *Voz Publica*—a *Voz do Carneiro*—contra mim. Ora para que não se julgue em Lisboa, onde acabo de chegar vindo de Aveiro, que commetti algum crime, parecido com os que servem de reportagem ou de thema de romance ao auctor do *Carcond* e do *Zé das Saias*, peço-lhe o favor de publicar nas *Novidades* a primeira carta que dirigi ao *Primeiro de Janeiro* e que explica, com outra que deve ter sahido hoje no mesmo jornal, o motivo da *grande sensação* com que o pascacio, mas bregeirete correspondente do *Seculo*, alarmou os numerosos leitores da folha republicana.

Trata-se da minha venda a monarchia, que, se não é muito antiga, é, pelo menos, mais velha que as barbas do Eugenio da Silveira. Ora se é certo que as barbas do meu amigo Eugenio são o encanto de moças e velhas leitoras dos folhetins do *Seculo*, e delectam toda a rua do Chiado, a rua das elegantes, quando surgem no alto das *Duas Igrejas*, não me consta que succeda o mesmo com a minha *traição*, que, além de ser uma coisa prosaica e banal, ainda não teve as honras de romance. Não percebo, pois, a sensação, excepto se os coices e as bolas excrementicias do Heliodoro Salgado, que o *Antonio Maria* desenhou, se tornaram em *delirium tremens* e contagiosas lá pelo Porto, fazendo revolução mais porca e asnatica que a do 31 de janeiro. Sendo assim, as cartas ao *Primeiro de Janeiro*, cuja publicação lhe venho pedir, devem ser um calmante menos mau.

O auctor do tal artigo da *Voz Publica* nunca teria escripto aquillo se não tivesse a certeza da impunidade.

E' um bocadito de homem, da ordem dos *casaquinhas*, onde poderá ser *commendador*, doutor macaco, que eu escangalharia, sem farronca, com um pontapé certo —tão mal segura é aquella boceta de macaquices e de infamias—se não tivesse necessidade de que elles falem e impossibilidade de os castigar a todos. Necessidade de que elles falem porque, desde que o meu unico crime é ter falado a linguagem da razão e do bom senso aos imbecis que constituem, em grande parte, o salvador partido republicano portuguez, ter repellido sempre com honesta intransigencia

os vis especuladores que o deshonram, ter sacrificado pela causa democratica interesses importantes, até ao ponto de inutilisar a minha carreira militar—todo o mundo sabe no exercito a que corresponde o haverem-me passado *oitenta e nove* tenentes para a direita;—desde que o meu crime é esse e desde que a protecção, que a monarchia me tem concedido, foi metter-me em *Leixões*, havendo eu sido o mais ruda adversario da chufriçada do Porto, e deixar-me servir actualmnte no regimento A em vez de me mandar servir no regimento B, sem que me importe exactamente o contrario, fique-se sabendo, isto é, que me mandem para o regimento B em vez de me deixarem no regimento A—não morrerei de susto por tão pouco;—desde que o meu crime é esse e essa a protecção que me tem concedido, claro é que quanto mais me chamarem *traidor* e *vendido* á monarchia mais afagentei do seu gremio quanto houver de intelligente e de honrado no paiz, crescendo a onda de lama que já de toda a parte os assoberba. Impossibilidade de os castigar a todos porque são tantos contra mim que se eu fosse de bengala em punho a correr atraz de cada um, ficava um verdadeiro *D. Quichote fin de seculo*, além de ficar sem camisa e sem posição official. Por conseguinte, reservarei as minhas forças para estes cauterios da escripta sempre que me provocarem, cauterios muito mais energeticos e decisivos afinal.

De resto, não tem os miseraveis que recear do meu regresso á vida activa da politica. Desde que voltei á effectividade do serviço militar, claro é que nada tenho nem posso ter com negocios de partidos, nem o partido republicano está em condições de tentar seja quem fôr, quanto mais a mim, que sei melhor do que ninguém quanto pesa e quanto vale uma corja de imbecis e de tratantes, que o manietaram e deshonraram!

Pela inserção d'estas linhas lhe ficará agradecido quem aproveita a occasião para se declarar

De v., etc.,

Francisco M. Homem Christo.

Lumiar, 21 de setembro de 1893.

O nosso amigo, o sr. Aurelio da Paz dos Reis, tambem escreveu ao *Primeiro de Janeiro* a carta que se segue:

Sr. redactor do *Primeiro de Janeiro.*

Tendo-se publicado um artigo no jornal *A Voz Publica* em que sem nenhuma verdade se desvirtua o fim de duas viagens que fez ao Porto o meu particular amigo o sr. tenente Homem Christo, entendo opportuno vir declarar por este meio que este cavalheiro veio, da primeira vez, unica e exclusivamente para me visitar, accedendo por esta forma aos reiterados convites que n'este sentido lhe fiz; da segunda, para acompanhar sua ex.^{ma} cunhada que, em virtude de serios incommodos, veio consultar o illustre clinico o ex.^{mo} sr. dr. Julio de Mattos.

Em politica, não sou em absoluto partidario do pessimismo d'aquelle meu amigo, mas que o respeito como caracter democrata e independente, como militar briossissimo e como pae e esposo modelo, sobre este ponto não tenho a menor sombra de hesitação.

Agradeço-lhe, sr. redactor, a sua benevolencia e creia-me

De v. etc.,

Aurelio da Paz dos Reis.

S. C., Porto, 20—9—93.

Cunha e Costa, o *souteneur*, o infame que abandona e despreza a sua propria esposa para ostentar publicamente os seus vicios e infamias com uma prostituta, queria *feitas*? Pois ahí a tem. Comecemos e havemos de acabar.

Por hoje ainda não precisamos de tirar numero especial para o Porto. Não é preciso. Está bem espalhado o castigo dos bandidos.

Mas ainda falta dizer alguma

coisa e talvez que a festa venha a ter mais ruido do que tem.

Vamos a vêr. Nós cá estamos ao leme!

As irmãs da caridade. — Data memoravel

Passou no dia 19 do corrente o 5.º anniversario da expulsão das irmãs da caridade do hospital de Aveiro.

Está ainda na memoria de todos a lueta encarniçada que ali se feriu e de que sahiram victoriosas as hostes liberaes, assignalando o triumpho d'esse dia, que ficou memoravel nos fastos da historia local.

O baque da reacção teve no paiz um echo lugubre. Os abutres batiam a voz, fugindo espavoridos á vinda popular. Aveiro engalantara-se a frente com os louros dos heroos, porque era a primeira terra do paiz que se defrontava altiva com o colosso, vencendo-o, obrigando-o a capitular.

Consagremos, pois, o dia 19 de setembro, como uma das nossas datas mais gloriosas, para que não adormecemos á sombra d'esses louros virentes e para que inspire nossos filhos na lueta por uma idéa de justiça e de redempção social.

A proposito do Fontes ter falado n'outro dia n'uma subscripção aberta para occorrer ás despesas do *Povo de Aveiro* com as querellas que se lhe moveram por occasião das *irmãs da caridade*, diremos que a maior parte dos subscriptores não pagaram, por não se lhe ter pedido o dinheiro, visto haver afrouxado o furor dos querellantes; que as querellas que foram por deante ainda estão pendentes do Supremo Tribunal de Justiça, tendo nós já gasto mais dinheiro com ellas do que aquelle que recebemos; que de tudo isso, enfim, se dará contas em tempo competente.

Já dissámos isto uma vez mas tornamos a repetir porque embora esses negocios não correspondem pela mão do sr. Homem Christo, correram pela mão d'outros amigos, sobre os quaes não deve pairar nenhuma sombra de suspeita.

E a calumnia lavra sempre, emquanto se não desfaz.

Manuel Alvim

Só hontem soubemos haver falecido, no ultimo domingo, uma das figuras mais caracteristicas da tradicção aveirense—Mannel Chrysostomo de Mello Alvim. Foi ainda no ultimo quartel da sua vida que o honrado octogenario corroborou a excentricidade do seu caracter. Morta a irmã, que era a sua unica companhia, foi morar para o meio de uma quinta, no lugar da Preza, onde fez construir uma choupana de táboas, e onde viveu completamente isolado, até que a morte veio apagar aquelle espirito ativo e digno.

O enterro de Manuel Alvim, commovente pela misera simplicidade, sem o mais leve atavio de ostentação, foi no entanto como que a ultima nota triste e harmonica, como tristes deviam ser e melancolicos os ultimos momentos d'aquella coerente e respeitosa individualidade.

Agora, mais do que nunca, são opportunas as palavras que, por occasião das festas de José Estevão, em 12 de agosto de 1889, dedicámos ao honrado cidadão que acaba de se finar, e, por isso, reproduzimos-as em seguida:

"Quando em 1828 se iniciou a revolta liberal, Mello Alvim fez parte d'um bando revolucionario, especie de guarda civica, organizado em Aveiro e commandado por Francisco Silverio de Carvalho de Magalhães Serrão, que pagou a forca a sua dedicacção pela causa

do povo. A cabeça do valente revolucionario está no monumento funebre erguido em Aveiro á memoria dos martyres da liberdade n'esta terra.

Derrotado o exercito liberal na Cruz de Maroiços e Vouga, Mello Alvim, não podendo acompanhar os emigrados e comprehendido na devassa aberta em Aveiro pelas auctoridades miguelistas, na qual figurava como um dos mais compromettidos, teve de se esconder como outros tantos, para se livrar da vingança feroz dos assassinos d'el-rei.

E' aqui que começa a historia da *toca* e do martyrio do pobre Alvim. Parecendo-lha perigosos todos os refugios que podesse encontrar na cidade, cavou um esconderijo n'um comoro da chamada quinta dos Santos Martyres, onde a lenda popular imaginava almas do outro mundo á meia noite, e alli se conservou de 1828 até 1834, ainda que com alguns intervallos, nos quaes, pela apparente tranquillidade do espirito absolutista, se atrevia de noite a ir a casa da familia e do caseiro da quinta, que sabia do esconderijo. A este caseiro, Mannel de Almeida, deveu o não ter morrido de fome ou victima das *justiças* do sr. D. Miguel de Bragança.

"—Sustentei-me muitos dias de amoras e cachos, dizia-nos ha tempos o honrado velho. As dozinhas e os ratos comiam-me o pão. Em noites séccas e quentes subia para cima das arvores e alli me conservava horas seguidas. Em noites escuras estendia-me fóra do comoro, no chão. Passei muita fome e muitos soffrimentos. Morren-me minha mãe, morreram-me duas irmãs e eu encerrado n'aquella prisão, a mais horrivel e a mais triste de todas."

Nunca votou o nome de José Estevão para deputado saução em *letras douadas*. No seu enthusiasmo simples entendia que não havia outra maneira de escrever o nome do grande orador.

Liberal ardente, e fiel aos seus principios, ainda n'outro dia, com oitenta annos de idade, foi dos mais encarniçados inimigos das *irmãs da caridade*, contra as quaes assignou todas as representações e votou na eleição de 19 de setembro.

Hoje, que de Mannel Alvim só resta a memoria, este bi-semanario reitera a sua homenagem de respeito ao espirito que se evolou ao eterno torvelinho do mysterio.

NOTICIARIO

CAMARA MUNICIPAL

Sessão de 20 de setembro

Presidencia do sr. vice-presidente dr. Alvaro de Moura.

Vogaes presentes, os srs. Neto, Gamellas, Silva, Mello e Leitão.

Assistiu o sr. administrador do concelho.

Acta approvada.

Foi apresentado o 2.º orçamento supplementar, no qual são dotadas mais largamente as verbas para caminhos, fontes, canos, etc., e lançadas outras para o concerto dos paços municipaes, quartel dos bombeiros, material de incendios, compra de um carro para a conducção da carne, etc., etc.

Está em reclamação.

—Leram-se os seguintes requerimentos:

Um de João Maria Garcia, pedindo a auctorisação necessaria para vender uma piscina que possui, e é foreira á camara, a Anselmo Ferreira, o qual se obriga a hypothecar como garantia do pagamento do fóro e em substituição da hypotheca que effectua um palheiro que o requerente possui na Costa Nova e o seu armazem do Rocío.

Deferido.

Outro de Custodio Simões Amaro Junior, pedindo licença para reconstruir o predio que na rua do Jardim foi ultimamente incendiado.

Deferido, devendo previamente apresentar a planta para ser approvada, sem o que não poderá construir.

Outro de Manuel Francisco Casal Novo, pedindo licença para construir um muro em S. Bernardo.

Deferido.

—A camara resolveu que se mandasse rebaixar o adro de S. Gonçallinho, applicando o entulho para altear as ruas do bairro do Rocío.

Tem em vista com esta medida melhorar as citadas ruas, tornar mais commodo o transitio, afornosear o referido local e destruir um monturo, pois tem os visinhos por habito lancar n'elle toda a especie de immundicie.

—Mais resolveu que se officiasse ao chefe da secção hyraulica lembrando a necessidade de mandar limpar o esteiro da Praça do Peixe, principalmente nos pontos de descarga, que se acham por tal modo entulhados que difficilmente a permittem, ficando na vasante grande porção de lama exposta ao sol, o que é prejudicialissimo para a saude publica.

Tendo sido, como foi, destinada uma verba para a limpeza dos caes, é de toda a urgencia que se comece por aquelle.

E não havendo mais que tratar, foi encerrada a sessão.

Tempo

Ainda persiste a feição invernosa desde o ultimo temporal.

Durante quasi toda a noite de ante-hontem para hontem choveu ininterruptamente até de manhã.

O chafariz do Espírito Santo

E' intoleravel o estado em que se acha o chafariz do Espírito Santo, o qual, no inverno, tem largos periodos de completa inutilidade, porque a agua nem serve para lavar, tão impregnada de barro ella chega.

Isto mesmo succedeu hontem, tendo por isso os habitantes d'aquella parte da cidade de virem abastecer-se de agua á fonte da Praça.

Dizem-nos que uma parte do encanamento, cerca das Bregeiras, se acha a descoberto, recebendo por isso o enxurro que para lá deriva de sitios pouco limpos. Accrescenta-se ainda que os habitantes do logarejo vem lavar ao cano, onde tambem despejam immundicies, fazendo alarde d'isso. Com taes elementos, é facil supprôr quanto periga a saude dos habitantes que consomem agua evidentemente inquinada.

Se isto é já um mal e o mais grave que deve merecer as attentões da camara, não é menos ponderoso os transtornos que a falta d'agua potavel causa ao publico do bairro.

Villegatura

Seguiu na quarta-feira á noite para Lisboa, com sua familia, o nosso amigo sr. Francisco Manuel Homem Christo.

Partiu no mesmo dia para a Barra, a uso de banhos, o nosso amigo sr. Guilherme Augusto Rebello e sua familia.

Acha-se na Costa Nova do Prado o nosso amigo sr. Viriato Simões Telles, alumno do lyceu de Aveiro.

Desastre

Na quinta-feira deu-se na estrada de S. Bernardo um desastre, sendo victima uma creança, que á hora em que escrevemos tem ainda a vida em risco.

O pequeno seguia da malhada da Fonte Nova, guiado um carro de moliço. Ao chegar perto das Bregeiras vinha em sentido opposto uma mulher que regressava da feira da Oliverinha com quatro beserros. Ao aproximarem-se do carro, os animais tiveram medo e foram de encontro ao pequeno deitando-o ao chão precisamente na linha por onde

as rodas do vehiculo deviam trilhar.

O carro colheu-o, deixando o infeliz n'um estado que mettia dó.

As rodas haviam-lhe passado sobre o hombro e apanharam-lhe todo o extremo do tronco do lado esquerdo.

As donas dos beserros foram presas, por se averiguar que á sua falta de vigilancia se deve attribuir o desastre.

A's almas generosas... Aos artistas

O desventurado artista Antonio Moreira continúa á mercê das almas generosas, dos seus collegas e companheiros de trabalho, de quem principalmente espera auxilio e protecção na crise angustiosa que o afflige.

Quem socorre o infeliz operario Antonio Moreira?

Table with 2 columns: Item, Price. Includes Transporte (25000), D. R. (5400), Somma (25400).

Homenagens

E' hoje que tem logar a festa da Costa Nova do Prado, uma das mais concorridas que se realisam nas praias do littoral.

Hontem á noite houve o classico fogo de vistas, arraial, musica, etc. Hoje, depois do culto interno na pequena ermida, sahe o prestito religioso, que percorre o trajecto do costume.

Ámanhã, na Barra, o rendez-vous de quasi todos os habitantes de Aveiro, que vão alli passar o dia, dando ao local o aspecto de um centro populoso.

São já conhecidos os attractivos d'essa festa, que este anno tem mais um numero no programma: ha solemnidade no templo da Senhora dos Navegantes.

Hontem começaram já, n'esta cidade, os primeiros sacrificios... de frangãos, que serão devorados, á beira-mar, pelos sacerdotes.

Obitos em Ihavo

Informam-nos de que é anormal o movimento obituario em Ihavo, sendo o maior numero de fallecimentos devidos á dysenteria que tambem alli lavra com intensidade, fazendo muitas victimas principalmente em creanças.

A emigração chinesa

Quando a Inglaterra, isolada em 1841 e conjunctamente com a França em 1859 e 1860, abriu com a sua artilheria as portas da China, obrigando-a a sahir da immobildade secular, não suppunha, sem duvida, a concorrência esmagadora que aos seus operarios iriam fazer os chinezes nos centros industriaes.

Foi de S. Francisco da California que partiu o primeiro grito de alarme, pedindo ao congresso dos Estados-Unidos a adopção de medidas energicas contra a invasão chinesa. Em 1885, em Omaha, no territorio de Ucha, na linha do grande caminho do ferro do Pacifico, bandos de trabalhadores americanos, irlandezes e allemães, invadindo as minas de carvão de Rock-Spring incendiaram as cabanas chinesas, matando os que tentavam fugir e lançando os cadaveres ás chamas.

Quatrocentos chinezes que escaparam a este massacre, refugiaram-se nas montanhas, morrendo de fome e frio, ou servindo de alvo ás balas dos seus perseguidores.

Foi este o começo d'uma guerra de exterminio—a luta pelo trabalho—entre duas raças fatalmente hostis.

E' temível a concorrência dos trabalhadores chinezes, que se consideram optimamente pagos com 50 a 75 francos por mez, ao passo que o trabalhador branco não poderia sustentar-se com tão diminuta quantia. Não podendo competir

na barateza de producções com tão sobrios inimigos, os americanos matam-n'os; e isto mesmo succede na Australia e no Perú.

O obreiro chinês, produz tanto como os seus rivales por um preço muito inferior, sendo tambem muito para temer a maneira como se assenhoream dos logares onde se estabelecem, augmentando pouco a pouco as suas colonias, chegando á dominal-as completamente.

Os primeiros emigrantes chegados, quotizam-se entre si para, dando uma diminuta quantia semanal, poderem importar no fim de certo tempo um pequeno numero de compatriotas, que reunindo-se nos primeiros contribuem novamente para a importação d'outros mais, e assim successivamente, vão augmentando sempre a primitiva colonia até que chega á posse completa d'esse logar, não cessando por este processo de engrandecer esta onda que tantos males causa ao paiz que invadem.

Em todos os climas o resultado é o mesmo, e não teremos talvez muito a esperar pela sua introdução na Europa, pelos incessantes conflictos entre trabalhadores e patrões; e estes levados pela greve á ruina, chamarão os obreiros asiaticos, como succedeu para acabar a linha ferro-viaria do Pacifico, para a exploração do Guano no Perú, e como talvez em breve succeda, para a continuação do canal do Panamá.

DIVERSAS

Seguiu para Lisboa o nosso amigo Antonio dos Santos Urbano, que ha tempo se achava em Aveiro de visita a sua familia.

Segundo consta, vão requerer permuta dos seus logares os delegados do thesouro de Aveiro e Vianna.

Acha-se restabelecido da doença que ultimamente o teve ás portas da morte o velho conego Peixoto.

Falleceu em Rio Maior o sr. José Serrano, um musico distincto, que era casado com uma nossa patricia, e que em tempo ahi regeu a phylarmonica Amisade.

Parte ámanhã para a Torreira, a uso de banhos, o sr. padre Manuel Simões Junior, de Sarrazolla.

Começam em 2 de outubro proximo, no lyceu de Aveiro, os exames da segunda epocha.

Requeru para ficar addido á repartição de fazenda d'este districto o aspirante da mesma repartição sr. Donaciano Pereira das Neves, ultimamente transferido para Beja.

Tem estado doente o sr. José Eduardo Mourão, amanuense da camara municipal d'este concelho.

O numero de individuos que requereram para fazer exame da segunda epocha, no lyceu d'esta cidade, é de 120, sendo 119 do sexo masculino e 1 do sexo feminino.

Um covil de assassinos

Houve ha annos um processo criminal dos mais celebres que tem tido a França. Encravada nas montanhas da Ardèche, havia uma estalagem que era explorada por um tal Lambert, sua mulher e um creado negro. Essa estalagem, porém, sempre muito caida e de alegre aspecto, era um covil de assassinos e ladrões. Viandante que lá pernoitasse e a quem os tres faccinoras presentissem dinheiro, não sahia de lá. Era assassinado e enterrado na adega.

Dezesse cadaveres lá appareceram, quando a justiça, tendo-se descoberto o caso, passou busca á casa e prendeu os malvados auctores de tantos crimes. Os tres faccinoras foram executados em uma

pequena praça, mesmo em frente da casa que fôra theatro dos seus horribes attentados, na aldeia de Peyrebeille.

Ultimamente a estalagem, já em ruinas, foi posta em praça, no valor de cem francos.

Pois o unico licitante que appareceu foi um saloio das visinhanças que, cobrindo a louvação com um franco, ficou com as memoriaes ruinas, naturalmente para aproveitar a pedra da casa para paredes e plantar batatas no solo regado pelo sangue de tantas victimas. Que vergonha para os amadores de curiosidades horribes!

Feira da Oliveirinha

Foi importante em transacções a feira da Oliveirinha que teve logar ante-hontem. Foram numerosas as offeras de cereaes, sendo no geral vendidos a preço baixo, tão baixo como não lembra igual ha muitos annos.

A colheita de feijão sobretudo, sendo este anno abundante, veio ainda encontrar um grande stok armazenado da colheita passada, e eis o motivo porque os preços estão baixos, e com poucas esperanças de melhorarem, se não sobrevier alguma procura inesperada.

PROVINCIAS

Ovar, 21 de setembro.

Appareceram no domingo passado, pelas esquinas de alguns predios, uns pasquins protestando contra a venda da estrumada, que a camara municipal d'este concelho tem vendido e projecta vender ainda, e incitando o povo a oppor-se á medida camararia.

Passou hontem na estação do caminho de ferro, com destino a Lisboa, sua magestade o sr. D. Carlos, de regresso do Porto, onde se achava desde terça-feira.

A auctoridade administrativa e a camara municipal d'este concelho foram cumprimentar sua magestade. Na gare achava-se tambem uma phylarmonica, que durante o trajecto da villa á estação do caminho de ferro veio tocando, a fim de chamar a attenção de alguns rapazes para fazer maior numero deante de sua magestade.

Déram-se alguns vivas e entre elles distinguui-se um que fez rir os circumstantes:—á camara municipal O homemsinho teve de se esconder, para não vêr o ridiculo do seu viva.

Com franqueza, não era melhor que o dinheiro da musica e dos foguetes o tivessem empregado em pequenas reparações, de que as ruas da villa tanto necessitam? Para isso, não teem dinheiro; para festas, sempre se arranja.

Advogado

MANUEL FRANCISCO TEIXEIRA

RUA DA VERA-CRUZ

AVEIRO

HOTEL CENTRAL

RUA DE JOSE ESTEVÃO

AVEIRO

N'este hotel, montado nas melhores condições, encontram os srs. hospedes um tratamento excellente, a par d'um serviço esmeradissimo, e magnificas accomodações.

Recebe hospedes permanentes. Preços convidativos.

O Hotel Central tem uma boa cocheira, acabada de construir, onde podem ser recolhidos carros, cavallos, etc.

Venda de vinhos, na Palhaça

M. F. Simões tem ainda 12 pipas.

ARMAZEM DE AZEITES E VINAGRES

DE JEREMIAS DOS SANTOS MARQUES

Azeite fino, de Castello Branco, a 25200 réis os 40-litros.

Vinagre branco e tinto, qualidade superior, a 15500 réis os 20 litros.

LARGO DO ESPIRITO SANTO (Ao Chafariz)

Dr. Duarte Mendes Correia da Rocha

ADVOGADO

10, PRAÇA DO COMMERCIO, 10

AVEIRO

AOS SRS. BANHISTAS

MANUEL GAETANO DE MATOS participa aos srs. banhistas que tem aberta na praia da Barra, ao Pharol, a sua conhecida padaria, aonde se encontra excellentes pão fino, que rivalisa com o mais bem fabricado do paiz.

Tambem na mesma casa tem montada uma loja de mercearia, que se acha sortida de todos os generos proprios d'este ramo de negocio.

O annunciante encarrega-se de preparar bons pituus, quando lhe sejam encommendados. Garante o bom serviço e preços muito em conta.

Pelo telegrapho

Os acontecimentos do Brazil

RIO DE JANEIRO, 19.—Os telegrammas em linguagem clara são já recebidos e expedidos em todas as estações do Brazil.

BUENOS-AYRES, 19.—Corre o boato de que a situação do governo brasileiro é muito critica, pois as fortalezas do Rio de Janeiro carecem de munições de bocca.

RIO GRANDE DO SUL, 19.—Na ultima escaramuça ficaram triumphantes os federses.

LONDRES, 20.—Uma casa bancaria de Londres recebeu um telegramma, o qual annuncia que o admirante Custodio José de Mello enviou ao governo do marechal Peixoto um ultimatum exigindo a capitulação immediata do Rio de Janeiro, aliás bombardearia a

cidade com muito mais vigor que até agora.

Os navios de guerra rebeldes desembarcaram em Santos uma grande força de infantaria de marinha.

Os dois campos estavam a bater-se quando o telegramma foi expedido.

Tudo faz suppôr que o desanlace da lucta não será muito demorado.

RIO GRANDE DO SUL, 20.—Recebe-se um golpe de mão dos navios que veem do norte.

BUENOS-AYRES, 21.—Corre o boato de que a guarnição militar de Santos (Brazil) repelliu os navios insurrectos.

ANNUNCIOS

ANTONIO XAVIER PEREIRA COUTINHO

ELEMENTOS DE BOTANICA

(Primeira e segunda parte do curso dos lyceus)

ILLUSTRADO COM 236 GRAVURAS

Acha-se já á venda este livro, muito util a todos os estudantes que frequentam o curso de botanica nos lyceus.

Preço brochado, 15000 réis.

Guillard, Aillaud & C.

R. Aurea, 242, Lisboa

ALMANACH DOS THEATROS

PARA O ANNO DE 1893

(4.º DA PUBLICAÇÃO)

Ornado com os retratos e perfis biographicos das actrices Virginia e Mercedes Blasco e dos actores Guilherme de Aguiar (do Brazil) e Joaquim Silva

Contendo, além d'outras, a esplendida poesia-dramatica de Victor Hugo, traducção de Fernando Leal

A CONSCIENCIA

E monologos, cançonetas, poesias-comicas e varias producções humoristicas, satyricas, etc., etc.

Dirigido por F. A. DE MATTOS

Preço 100 réis. Pelo correio 110 réis. Remette-se a quem enviar a sua importancia á administração da empresa do Recreio, rua da Barroca, 109, ou a qualquer das livrarias do costume. —Lisboa.

O MAIS IMPORTANTE

MANUEL JOSE DE MATTOS JUNIOR (MANUEL MARIA)

AVEIRO

COM ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

Vinhos engarrados, genebra, cognac e licores. Um grande sortido de bolachas e biscoitos das principaes fabricas do paiz.

Variado sortimento de artigos para caça. Louça de Sacavem e estrangeira.

Nova marca de café moído especial e muito economico, vendido-se cada kilo a 640 réis.

Em todos os artigos se garante a boa qualidade e toda a modicidade de preços.

O MAIS IMPORTANTE PARA AVEIRO

Grande deposito de vinhos da Real Companhia Vinicola do Norte de Portugal, vendidos quasi pelos preços do Porto, como se vê das tabellas que podem ser requisitadas n'este estabelecimento.

Aqui não ha competidores!! E' ver para... UNICO DEPOSITO EM AVEIRO. Satisfazem-se encommendas pela tabella do Porto, sendo as despesas á conta do freguez.

DICCIONARIO DE MEDICINA POPULAR

DO D^r CHERNOVIZ

2 Volumes em-8° de 1200 paginas
Ornados de 913 figuras

GUILLARD, AILLAUD & C^{IA}

242, Rua Aurea 1° — LISBOA

HISTORIA DE UM CRIME CELEBRE

O caso do convento das Trinas

EM AVEIRO só se vende no estabelecimento de Arthur Paes, na rua do Espirito Santo.

PREÇO 300 RÉIS

Pelo correio, franco de porte.

FABRICA DE MOAGEM A VAPOR

DE

MANUEL CRISTO

N'este estabelecimento vende-se farinha de milho, a toda a hora do dia.

Compra-se milho.

ARROZ: Compra-se arroz com casca e vende-se a retalho, já descascado.

Em vendas por junto, faz-se abatimento.

RUA DOS TAVARES
AVEIRO

ARITHMETICA E SYSTEMA METRICO

POR

Abilio David e Fernando Mendes

Professores d'ensino livre e auctores do

CURSO DE GRAMMATICA PORTUGUEZA

Compendio para as escolas, em conformidade com os programas d'ensino elementar e d'admissão aos lyceus

Preço, cartonado, 160 réis.

A' venda na administração d'este jornal.

ACCACIO ROSA

A NOSSA INDEPENDENCIA E O IBERISMO

OBRA illustrada com o retrato do auctor e prefaciada por Antonio de Serpa Pimentel, ministro de estado honorario, par do reino, conselheiro de estado, gran-cruz da Torre e Espada, etc.; e precedida de cartas ineditas, expressamente dirigidas ao auctor, pelos reconhecidos pensadores Conde de Casal Ribeiro, G. Azcarate, Oliveira Martins, Raphael M. de Labra, Alves Mendes, Fernando Anton e Thomaz Ribeiro.

Preço 600 réis.
Vende-se nas livrarias das principaes terras do reino e remette-se pelo correio a quem mandar a respectiva importancia a Accacio Rosa, Verdemilho, Aveiro, ou á livraria editora de Francisco Silva, rua do Telhal, 8 a 12, Lisboa.

MANUAL

DO

CARPINTEIRO E MARCENEIRO

Este manual que não só trata de Moveis e Edificios, é um tratado completo das artes de Carpinteria e Marcenaria adornado com 211 estampas intercaladas no texto, que representam figuras geometricas, molduras, ferramentas, samblagens, portas, sobrados, tectos, moveis de sala, etc., etc. Tudo conforme os ultimos aperfeiçoamentos que tem feito estas artes.

A obra está completa.
Todas as requisições devem ser feitas aos editores

Guillard, Aillaud & C^a
Rua Aurea, 242, 1.° — LISBOA

Cosinheiro Familiar

Tratado completo de copa e cosinha

POR A. TAVEIRA PINTO

Valiosa colleção de receitas para fazer almoços, lunchs, jantares, merendas, ceias, molhos, pudins, bolos, doces, fructas de calda, etc., com um desenvolvido formulario para licôres, vinhos finos e artificiaes, refrescos e vinagre. Ensina a conhecer a pureza de muitos generos, a concertar louças, a evitar o bolor e maus cheiros, a limpar os objectos de zinco e de esmalte, a afugentar as formigas e contém muitos segredos de importancia para as donas de casa, creadas e cosinheiros.

N'este genero, é o livro melhor e mais barato que se tem publicado.

Preço 200 réis.
Está á venda nos kiosques e livrarias do reino, ilhas e Africa.
Os pedidos, acompanhados da respectiva importancia em cedulas, devem ser dirigidos ao editor—F. Silva, rua do Telhal, 8 a 12, Lisboa.

REMEDIOS DE AYER



Vigor do cabelo de Ayer.—Impede que o cabelo se torne branco e restaura ao cabelo grisalho a sua vitalidade e formosura.

Pectoral de cereja de Ayer.—O remedio mais seguro que ha para cura da tosse, bronchite, asthma e tuberculos pulmonares.

Extracto composto de Salsaparrilha de Ayer.—Para purificar o sangue, limpar o corpo e cura radical das escrophulas.

O remedio de Ayer contra sezões.—Febres intermittentes e biliosas.

Todos os remedios que ficam indicados são altamente concentrados de maneira que sahem baratos, por que um vidro dura muito tempo.

Pilulas catharticas de Ayer.—O melhor purgativo, suave, inteiramente vegetal.

ACIDO PHOSPHATO DE HORSFORD



Faz uma bebida deliciosa adicionando-lhe apenas agua e assucar; é um excellent substituto de limão e baratissimo por que um frasco dura muito tempo.

Tambem é muito util no tratamento da Indigestão, Nervoso-Dispepsia e dôr de cabeça. Preço por frasco 700 réis, e por duzia tem abatimento.—Os representantes JAMES CASSELS & C^a, rua de Mousinho da Silveira, 85, 1.°—PORTO, dão as fórmulas aos srs. facultativos que as requisitarem.

Perfeto desinfectante e purificante JEVES para desinfectar casas e latrinas; tambem é excellent para tirar gordura ou no-doas de roupa, limpar metaes, e curar feridas.

Vende-se em todas as principaes pharmacias e drogarias. Preço 240 réis.

JOAQUIM JOSÉ DE PINHO

ALFAYATE E MERCADOR

AVEIRO E ARCOS DE ANADIA

GRANDE deposito de fazendas nacionaes e estrangeiras. Tem sempre grande sortido em todas as estações, tanto para obra de medida como para venda a retalho. Chales pretos e de côr. Guarda-chuvas de seda e merino. Miudezas proprias d'esta qualidade de estabelecimentos. Grande sortido de chapêos de feltro para homem, das principaes casas do Porto; recebe encomendas dos mesmos. Gravatas para homem. Grande sortimento de fato feito, sendo o seu maior movimento em medida.

Em Aveiro ha grande variedade de papel para forrar salas e de outros artigos.

Todos os freguezes são bem servidos, pois todas as fazendas são devidamente molhadas, e só receberão as suas encomendas quando estejam á sua vontade. Toda a obra feita sem medida é molhada e os seus preços muito resumidos, para assim poder obter grande numero de freguezes.

ESPECIALIDADE EM GABÕES

Todos os pedidos podem ser dirigidos tanto para Arcos de Anadia como para Aveiro.

EDITORES — BELEN & C^a — LISBOA

A VIUVA MILLIONARIA

Ultima producção de

EMILE RICHEBOURG

Auctor dos romances: *A Mulher Fatal, A Martyr, O Marido, A Avó, A Filha Maldita e a Esposa*

Edição illustrada com bellos chromos e gravuras

Está em publicação este admiravel trabalho de Emile Richebourg, cuja acção se desenvolve no meio de scenas absolutamente verosimeis, mas ao mesmo tempo profundamente commoventes e impressionantes.

BRINDE A TODOS OS ASSIGNANTES

Uma estampa em chromo, de grande formato, representando a vista da Praça de D. Pedro, em Lisboa

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA:—Chromo, 10 réis; gravura, 10 réis; folha de 8 paginas, 10 réis. Sabe em cadernetas semanaes de 4 folhas e uma estampa, ao preço de 50 réis, pagos no acto da entrega. O porte para as provincias é á custa da Empresa, a qual não fará segunda expedição sem ter recebido o importe da antecedente.

Recebem-se assignaturas no escriptorio dos editores—Rua do Marechal Saldanha, 26—LISBOA.

Em AVEIRO assigna-se em casa de Arthur Paes — Rua do Espirito Santo.

O REMECHIDO

Biographia do celebre guerrilheiro do Algarve, um dos mais valentes paladinos do partido miguelista

Memorias authenticas da sua vida, com a descripção das luctas partidarias de 1833 a 1838, no Algarve, e o seu interrogatorio, na integra, no conselho de guerra que o sentenciou, em Faro.

Illustrada com o retrato do biographado.

Custa 120 réis, e pelo correio 140 réis; e só se vende, em Aveiro, no estabelecimento de Arthur Paes.

Administrador e responsavel—José Pereira Campos Junior